



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

maio | 2025

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, os dias decorreram mais frios e com temperaturas mais estáveis durante a primeira metade do mês, por vezes com valores máximos e mínimos inferiores ao normal para a época. A partir do dia 15 houve uma tendência de subida das temperaturas, que foi mais acentuada e apresentou maior instabilidade nos valores máximos, que frequentemente foram elevados e apresentaram oscilações diárias significativas. Na segunda metade do mês os valores mínimos também subiram e situaram-se acima da média na maior parte dos dias. Os valores mais elevados de temperatura máxima foram bastante superiores ao normal para a época, de acordo com os registos para as estações de Alcobaça (+11,2°C) e de Torres Vedras/Dois Portos (+12,2°C). Os valores mais baixos de temperatura mínima também foram inferiores ao normal para a época em ambas as estações (-3,8°C e -4,3°C, respetivamente).

As amplitudes térmicas diárias foram mais significativas na segunda metade do mês, com alguns dias a registarem valores mais acentuados. No dia 29 ocorreram as amplitudes térmicas máximas de 21,4°C na estação de Alcobaça, de 12,7°C na estação de Santa Cruz/Aeródromo e de 22,5°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

Na primeira metade do mês os dias decorreram com céu muito nublado e na segunda metade, com céu pouco nublado ou limpo, mas com períodos de maior nebulosidade junto ao litoral.

A precipitação foi ligeiramente inferior ao normal para a época, com registo de valores acumulados nas estações de Alcobaça e de Torres Vedras/Dois Portos,

correspondentes, respetivamente, a 86% (-8,6mm) e 83% (-8,1mm) dos valores normais. A precipitação foi mais intensa e concentrada na primeira semana, tendo ocorrido até ao dia 20 mais três episódios de chuva, com registos menos significativos. A precipitação ocorreu principalmente sob a forma de aguaceiros, por vezes fortes e pontualmente acompanhados de trovoadas.

Principalmente na segunda metade do mês, foi frequente a formação de neblina ou nevoeiro matinal.

O mês foi menos ventoso do que o anterior. Os dias decorreram com vento fraco a moderado, soprando por vezes forte junto ao litoral. Foram registadas rajadas superiores a 40km/h, dois dias na estação de Alcobaça, oito dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e dez dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

A humidade média relativa do ar foi elevada ao longo do mês, mas menos acentuada na estação de Alcobaça.

Face às condições climatéricas de reduzida precipitação, de subida das temperaturas e registo de algum vento, ao longo do mês houve uma descida significativa dos níveis de água no solo. No final do mês predominava em toda a região o índice de capacidade de campo CC [41, 60]. No entanto, encontrava-se ainda no índice CC [61, 80] uma mancha do território que abrangia todo o concelho de Torres Vedras, uma área significativa do concelho de Alenquer (a sudoeste) e áreas reduzidas nos concelhos de Sobral de Monte Agraço (a norte), Cadaval (a sudoeste) e Lourinhã (a sul). Já se situava no índice CC [21, 40], uma mancha que abrangia uma área significativa do concelho de Alcobaça e uma pequena área no concelho da Nazaré (a este).

No final do mês, as reservas de água superficiais mantinham volumes de armazenamento acima do normal para a época, verificando-se uma boa disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais.

O estado do tempo, devido à pouca precipitação e à subida das temperaturas, favoreceu a secagem dos terrenos, permitindo a realização de sementeiras/plantações, colheitas, adubações e tratamentos fitossanitários. Os trabalhos agrícolas decorreram com elevada intensidade, principalmente a partir da segunda metade do mês, com as máquinas já a poderem circular nos terrenos sem constrangimentos. As condições de humidade e temperatura intensificaram os problemas fitossanitários das culturas, principalmente na batata, na vinha e nas pomóideas, com destaque para o míldio e para o fogo bacteriano. Nas hortícolas ao ar livre também foi possível retomar as sementeiras de cenoura e iniciar as plantações de abóbora. Foi um mês difícil para as culturas hortícolas de ar livre instaladas nos meses anteriores, pois com a transição brusca das condições climáticas, a camada mais superficial dos solos passou de uma condição de excesso de água para solos secos e calcados, tendo, nomeadamente as brássicas e a batata, reagido de forma negativa a estas alterações, devido à fraca estrutura radicular provocada pelo excesso de água. Nas hortícolas em estufa, a falta de luminosidade, devido aos dias terem decorrido muito nebulosos, e a humidade elevada, influenciou o crescimento vegetativo, estiolando as plantas. Foram iniciadas as colheitas de tomate, embora mais tarde do que o habitual.

No **Médio Tejo**, o mês caracterizou-se por temperaturas amenas e humidades ainda altas. Na segunda quinzena registaram-se temperaturas mais altas do que o normal para a época. As amplitudes térmicas diárias mantiveram alguma variabilidade ao longo do mês, com valores médios de 15,2°C e de 17,7°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega, superiores ao mês anterior. A maior amplitude térmica diária foi de 23,5°C registada no dia 29 na estação de Tomar/Vale Donas e de 28,4°C, registada no dia 28 na estação de Alvega.

Na estação meteorológica de Alvega a temperatura máxima mais elevada verificou-se bastante superior à temperatura máxima normal para a época e a

temperatura mínima mais baixa verificou-se muito inferior à normal para a época.

Na primeira metade do mês, os dias decorreram maioritariamente com céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade e alguma formação de neblina ou nevoeiro matinal. Na segunda metade, os dias decorreram com pouca nebulosidade ou céu limpo.

No que respeita ao vento, esteve essencialmente entre fraco a moderado e alguns dias entre moderado a forte.

O mês foi pouco chuvoso, verificando-se cerca de metade do número de dias com precipitação relativamente ao mês anterior. A precipitação foi frequente na primeira semana do mês, sendo a partir daí praticamente residual. Relativamente ao normal para a época a precipitação acumulada no mês foi muito inferior e traduziu-se num decréscimo de 49,0%.

Em ambas as estações meteorológicas a humidade relativa média do mês baixou relativamente ao mês anterior.

O teor de água no solo nos concelhos de Abrantes, Sardoal, Mação e Ferreira do Zêzere situava-se no final do mês maioritariamente no índice CC [61, 80] e com manchas no índice CC [41, 60]. Os concelhos de Alcanena e Constância situavam-se na totalidade no índice CC [41, 60]. Os concelhos de Tomar, Torres Novas e Vila Nova da Barquinha situavam-se maioritariamente no índice CC [41, 60]. Verificaram-se manchas situadas no índice CC [21, 40] nos concelhos de Ourém, Tomar, Torres Novas e Vila Nova da Barquinha. O concelho do Entroncamento verificava-se na totalidade com um teor de água no solo situado no índice CC [21, 40].

As reservas de água superficiais apresentavam-se com níveis elevados, não se registando faltas de água para rega nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, no que respeita às culturas de primavera-verão a melhoria das condições climáticas em maio permitiu a continuidade das sementeiras, contudo, no geral com um atraso significativo. As culturas cerealíferas de outono-inverno decorreram ao longo do mês com um desenvolvimento regular. Contudo, no final do mês, as temperaturas, mais altas, aceleraram a secagem do grão, penalizando um pouco o seu enchimento. A cultura de ervilha de inverno foi possível colher neste mês face à melhoria das condições climáticas. O atraso desta colheita pelos motivos anteriormente referidos (chuvas intensas e frequentes) interferiu na decisão dos produtores e na oportunidade de instalação das culturas subsequentes (primavera-verão) verificando-se inclusive a desistência de instalação de culturas por falta de área disponível. Nos prados de regadio verificou-se um crescimento das plantas perenes mais lento do que o expectável, talvez pelo efeito inibidor do calor repentino ocorrido a partir de meados do mês. Nos olivais intensivos (regadio) as condições climáticas ocorridas em maio foram favoráveis à floração. Nos olivais tradicionais a disponibilidade hídrica nos solos, resultante do inverno chuvoso, permitiu que as árvores desenvolvessem o seu ciclo sem grandes limitações afetas a este recurso e indiretamente aumentou a disponibilidade de absorção direta de nutrientes do solo, o que resultou num elevado número de inflorescências e abundante floração. Ao contrário dos últimos anos, o mês de maio registou maioritariamente temperaturas amenas que favoreceram a cultura. Relativamente às figueiras, as noites frescas ainda verificadas em maio continuaram a contribuir para a redução da produção de figos lampos (queda) e para o atraso na maturação. No que respeita às amendoeiras, as temperaturas mais amenas e humidade alta verificadas na primeira quinzena do mês permitiram o desenvolvimento de doenças fúngicas raras nesta cultura. No que respeita às nogueiras, a subida das temperaturas mínimas induziu um aceleração do desenvolvimento vegetativo principalmente a partir de meados do mês. Nas vinhas para uva de mesa, a subida da temperatura

principalmente na segunda quinzena do mês após as chuvas veio intensificar a doença de mildio. Nas vinhas para vinho, as chuvas com alguma intensidade nos primeiros dias do mês mantiveram os solos com muita água estagnada e limitaram o acesso dos tratores, criando dificuldade na aplicação de fitofármacos e na remoção de infestantes. Com as condições de tempo reunidas em maio surgiram os primeiros focos de mildio na cultura.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, o mês caracterizou-se por uma tendência de subida das temperaturas máximas e mínimas, mais acentuada na segunda metade do mês, embora no Baixo Sorraia tenha havido uma maior estabilidade das temperaturas mínimas. Em ambas as regiões os níveis de humidade relativa média foram elevados. As amplitudes térmicas diárias mantiveram alguma variabilidade ao longo do mês em ambas as regiões. Na Lezíria do Tejo o valor médio foi 13,5°C e o valor máximo diário foi 23°C, registado no dia 29 na estação meteorológica de Santarém, Fonte Boa. No Baixo Sorraia o valor médio foi 17,4°C e o valor máximo diário foi 27,3°C, registado no dia 28 na estação meteorológica de Coruche.

Na Lezíria do Tejo, a temperatura máxima registada no mês foi superior ao normal para a época (+13,7°C) e a mínima foi inferior (-3,9°C), de acordo com os registos da estação de Santarém, Fonte Boa. No Baixo Sorraia, a temperatura máxima registada no mês foi superior ao normal para a época (+14,2°C) e a mínima foi inferior (-5,1°C), de acordo com os registos da estação de Coruche.

Na primeira metade do mês os dias decorreram principalmente com céu nublado ou muito nublado e na segunda metade predominaram os dias de céu pouco nublado ou limpo.

O vento foi maioritariamente fraco a moderado, verificando-se na primeira semana, um a dois dias mais forte.

A precipitação ocorrida foi inferior ao normal para a época, em 42,4%, com um valor acumulado de menos 20,2mm registados na estação de Santarém, Fonte Boa e em 48,5%, com um valor acumulado de menos 22mm registados na estação de Coruche. A precipitação concentrou-se na primeira semana do mês.

A humidade relativa média foi elevada ao longo do mês.

Na Lezíria do Tejo, no final do mês o teor de água no solo situava-se predominantemente no índice CC [41, 60]. Observavam-se ainda manchas nos concelhos de Azambuja, Cartaxo, Almeirim, Santarém e Golegã no índice CC [61, 80]. Verificava-se também uma mancha situada no índice CC [21, 40] que abrangia a maior parte do concelho da Golegã e a zona norte do concelho da Chamusca. No Baixo Sorraia, no final do mês o teor de água no solo situava-se predominantemente no índice CC [41, 60], com uma mancha no índice CC [61, 80] a ocupar uma pequena parte do concelho de Salvaterra de Magos, na zona sul do concelho de Coruche e uma grande parte do concelho de Benavente. Ainda se verificavam duas manchas situadas no índice CC [21, 40], numa pequena parte do concelho de Coruche e na parte sul do concelho de Benavente.

As reservas de água superficiais apresentavam-se com níveis elevados, não se registando faltas de água para rega nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, nas de primavera-verão, a melhoria das condições climáticas permitiu a realização das sementeiras e plantações com grande intensidade para recuperação do atraso. No que respeita às culturas cerealíferas de outono-inverno, o efeito da precipitação prolongada durante vários meses afetou a qualidade do grão. Nas pastagens e nos prados as condições do tempo foram favoráveis ao desenvolvimento vegetativo. Nos olivais as condições climáticas favoreceram a floração. No amendoal, a chuva e o vento na fase da floração, provocaram a queda da flor prematuramente, causando uma menor frutificação. Nas nogueiras, a subida das temperaturas mínimas acelerou o desenvolvimento vegetativo,

principalmente a partir da segunda metade do mês. Nas vinhas, a subida da temperatura, principalmente na segunda quinzena e a humidade elevada vieram intensificar a doença de mildio na cultura. Nos pomares de laranja, as chuvas ocorridas provocaram o amarelecimento das folhas e dificultaram a polinização.

Na **Grande Lisboa**, assinalaram-se temperaturas muito elevadas ao longo do mês, de um modo geral. A temperatura máxima mais elevada foi superior ao normal para a época e a temperatura mínima mais baixa foi inferior à normal para a época.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por céu geralmente limpo.

No que respeita ao vento, este esteve fraco a moderado (até 30 km/h), soprando por vezes forte (até 40 km/h) e com rajadas até aproximadamente 50 km/h, em especial junto ao Cabo Raso.

Foram registados apenas cinco dias com precipitação no início do mês.

Na estação meteorológica de Lisboa/Gago Coutinho a humidade relativa média foi superior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, no concelho de Vila Franca de Xira situaram-se no índice CC [21, 40] e nos restantes concelhos, em geral, no índice CC [61, 80].

As reservas de água superficiais apresentavam-se com níveis muito acima do normal para a época, não havendo necessidade de regar e não se registando faltas de água para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do estado do tempo, à exceção dos primeiros dias do mês que foram chuvosos, este foi propício aos cortes e colheitas, bem como às plantações e sementeiras de primavera-verão.

Na **Península de Setúbal**, até dia 15 as temperaturas máximas registaram valores abaixo do normal para a época e bastante constantes ao longo desse período.

A partir dessa data ocorreu um significativo aumento das temperaturas máximas, com uma evolução crescente até ao final do mês. As temperaturas mínimas registaram valores abaixo do normal para a época na segunda semana, verificando-se a partir daí um aumento, sem oscilações muito significativas. A maior amplitude térmica diária foi de 21,0°C, registada no dia 30 na estação de Setúbal.

Os dias decorreram com céu geralmente muito nublado até meados do mês e na segunda quinzena o céu esteve em geral parcialmente nublado, com céu limpo nos últimos dias.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 25 km/h a 30 km/h), com maior intensidade nos dias 3 e 22.

O mês decorreu pouco chuvoso na região, ocorrendo precipitação essencialmente nos primeiros dias. Na estação de Setúbal, o valor da precipitação acumulada correspondeu a 53% do valor normal para a época.

No final do mês as reservas de superfície continuavam a apresentar uma apreciável quantidade de água.

O teor de água no solo diminuiu significativamente relativamente ao mês anterior. No final do mês toda a região registava valores no índice CC [41, 60] ou inferior, havendo áreas com valores no índice CC [11, 20] nas zonas mais a sul dos concelhos de Sesimbra e Setúbal. Em comparação com igual período do ano passado, o teor de água no solo era inferior na generalidade da região.

Não se verificaram situações de escassez de água para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, na vinha existiam algumas manchas de mildio generalizado na região, mas sem grandes prejuízos. Pontualmente podem estar mais atacadas, por descuido ou impossibilidade de realização dos tratamentos. De salientar que as temperaturas elevadas e o vento ajudaram no controlo do desenvolvimento do mildio. O vento, apesar de prejudicial quando em excesso por

danificar varas em crescimento, foi benéfico para a secagem das terras e da vegetação. Nas pomóideas o excesso de humidade durante a floração, e consequente encharcamento das raízes provocou aborto de flores e de frutos recém vingados. Nas culturas de primavera-verão, nomeadamente milho, arroz e tomate para indústria, as condições climáticas ocorridas atrasaram as sementeiras e plantações em cerca de um mês a um mês e meio, devido à dificuldade de início dos trabalhos de preparação dos terrenos para a instalação das culturas, que só foi possível nos últimos dez dias do mês.

No final do relatório apresenta-se uma tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos de todas as estações.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nas culturas cerealíferas de outono-inverno, com a diminuição dos níveis de água no solo, deixou de se manifestar a presença de fungos e também não foram identificados outros problemas fitossanitários. Na generalidade as searas apresentavam-se limpas de infestantes ou com uma presença sem significado.

Na vinha para vinho e para uva de mesa, verificou-se a incidência de doenças criptogâmicas, com destaque para o mildio, que se fez sentir com elevada intensidade, face às condições ótimas de humidade (chuvas e orvalheiras abundantes) e de temperatura, bem como pela dificuldade de realização atempada dos tratamentos necessários, principalmente na primeira metade do mês, devido ao excesso de humidade nos solos ter dificultado a circulação de máquinas agrícolas nos terrenos.

Principalmente na segunda metade do mês, o míldio desenvolveu-se com grande intensidade. Verificou-se uma elevada quantidade de manchas nas folhas e registo de estragos nos cachos, embora com menor expressão. No final do mês a doença não se encontrava controlada e registaram-se estragos para além do normal. As condições climáticas também foram favoráveis ao surgimento de podridão cinzenta.

Nas pomóideas, a incidência de infeções provocadas pelo fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*), nos pomares de pereiras e de macieiras, foi muito elevada durante o mês, tendo-se manifestado por toda a região com uma severidade acima do habitual. A situação, no entanto, é mais problemática nos pomares de pereiras, devido à grande sensibilidade da variedade Rocha a esta doença, tendo as infeções afetado significativamente as flores e os corimbos. Os tratamentos não se têm revelado eficazes. Apenas o corte e queima do material infetado tem revelado capacidade de contenção da doença, pelo que os produtores têm estado a realizar cortes significativos nas árvores, para eliminar sintomas, podendo verificar-se situações de abandono durante a presente campanha, uma vez que algumas intervenções poderão tornar os pomares de pereiras economicamente inviáveis. Foram detetados os primeiros sintomas de estenfiliose (*Stemphylium vesicarium*) nos pomares de pereiras, mas ainda sem grande significado, comparativamente ao ano anterior. Em termos de pragas, houve presença de bichado (*Cydia pomonella*) e de afídeos verdes. Especificamente nos pomares de pereiras, verificou-se também a presença de cecidómia (*Dasineura pyri*) e de afídeo negro, e nos pomares de macieiras houve ainda presença de pulgão lanígero, afídeo cinzento e sésia. Foram realizadas as intervenções adequadas para assegurar o controlo das pragas.

Nas prunoideas, detetaram-se os primeiros sintomas de moniliose. Em termos de pragas, houve presença de formigas e foram realizadas as primeiras capturas de mosca da fruta.

Nos olivais com condições edafoclimáticas favoráveis ao desenvolvimento da cercosporiose (*Pseudocercospora cladosporioides*) foi necessário manter uma estratégia de combate à doença, principalmente em olivais onde a colheita da última campanha foi tardia e os seus frutos já apresentavam sintomas de gafa. A eficácia dos tratamentos curativos é baixa, pelo que os olivais com sintomas foram tratados preventivamente até que as condições favoráveis à doença se deixassem de verificar, o que só aconteceu no final de maio. Como o mês decorreu em geral com temperaturas amenas e humidade, não houve ataques significativos de traça-da-oliveira e apenas os olivais jovens tiveram ligeiros ataques de margarónia ou traça verde, que raramente justificaram a implementação de medidas de combate. Nos casos em que se justificou a aplicação de produtos fitossanitários, verificou-se uma evidente eficácia da operação.

Na cultura da batata mantiveram-se as condições de elevada pressão de míldio. Algumas culturas apresentavam mesmo irreversibilidade na recuperação devido à acentuada perda de área foliar, associado ao fraco desenvolvimento radicular. Também se verificou uma forte incidência de sarna pulverulenta e alguma sarna comum, o que afetou a qualidade da batata. A intensidade da doença era variável em função das variedades utilizadas, uma vez que algumas são mais sensíveis ao fungo.

Nas hortícolas em estufa ocorreram focos de podridão cinzenta na cultura de tomate e de oídio na cultura de courgette. A intensidade dos ataques foi baixa e os tratamentos revelaram-se eficazes. Não houve ocorrência de prejuízos além do normal.

Nas hortícolas de ar livre, verificou-se uma forte pressão de míldio e de outros fungos nas brássicas.

Médio Tejo

Nas vinhas para vinho, até à primeira semana de maio não foi significativa a doença de mildio, mas logo que a temperatura subiu a doença tornou-se constante e foram necessários bastantes tratamentos preventivos. O controlo da doença está a ser muito complicado nas castas mais sensíveis, em específico na Antão Vaz estimando-se uma severa perda de produção. Nas vinhas para uva de mesa, os focos de mildio com forte intensidade afetaram a cultura provocando a perda de cachos (os tratamentos possíveis não se revelaram suficientes).

Nos olivais tradicionais cujas condições edafoclimáticas contribuíram durante o inverno e início de primavera para o desenvolvimento de fungos saprófitos, como por exemplo a fumagina, foi necessário continuar a fazer uma estratégia de combate a estes fungos oportunistas de forma indireta (através de poda), principalmente em oliveiras com copas compactas, pouco arejadas e iluminadas. A eficácia dos tratamentos curativos a estas doenças é baixa, pelo que os olivais com sintomas da mesma, foram tratados preventivamente até as condições que a favorecem deixarem de se registar, o que só aconteceu no final de maio. Uma vez que o mês decorreu quase todo com temperaturas amenas e alguma humidade diária, houve alguns ataques significativos de traça-da-oliveira em olivais mais expostos, que raramente justificaram a implementação de medidas de combate direta a esta praga. Nos casos em que se justificou a aplicação de produtos fitossanitários, houve evidente eficácia da operação pela facilidade do combate direto à praga.

Nas amendoeiras, verificou-se o surgimento de doenças fúngicas raras na cultura, com alguma intensidade, como a podridão cinzenta (*Botrytis cinerea*). Os tratamentos aplicados atenuaram a doença, mas ainda não se encontrava controlada no final do mês.

Nas noqueiras verificaram-se focos de antracnose (*Gnomonia leptostyla*) e de bacteriose (*Xanthomonas campestris* pv. *Juglandis*) ambos com fraca incidência,

cujos tratamentos efetuados à base de cobre se revelaram eficazes.

Nos pessegueiros, a dificuldade de contenção da doença da lepra (*Taphrina deformans*) e consequente intensificação resultou em danos severos na cultura.

Nos pomares de limão, não foram nesta fase sinalizadas quaisquer doenças. No que respeita a pragas, identificou-se a presença de piolho, de lagarta mineira e de cochonilha de pinta vermelha, com fraca intensidade.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho e para uva de mesa, verificou-se a presença de várias doenças criptogâmicas, com destaque para o mildio, que manteve uma forte pressão.

Nos pomares de amendoeiras verificou-se a incidência de antracnose (*Gnomonia leptostyla*), prevendo-se no futuro a morte das árvores mais atacadas.

Nas noqueiras surgiram focos de doenças como antracnose (*Gnomonia leptostyla*) e bacteriose (*Xanthomonas campestris* pv. *Juglandis*), ambas com fraca intensidade, cujos tratamentos efetuados à base de cobre se revelaram eficazes.

Nos pomares de citrinos, em específico na laranja, houve ataques de afídeos nos ramos novos provocando o enrolamento de folhas. Foram realizados os tratamentos devidos.

Na cultura da batata de regadio, devido à humidade elevada no solo, houve uma forte presença de mildio com efeito negativo na produtividade. Foram também identificadas situações de forte incidência de sarna pulverulenta e alguma sarna comum, com a intensidade da doença a variar em função das variedades utilizadas, uma vez que algumas são mais sensíveis ao fungo. Muitos produtores estavam com problemas de sarna na batata branca.

Grande Lisboa

Nas vinhas houve necessidade de realização de tratamentos para infeções de míldio, assim como tratamentos preventivos para o oídio. Nalgumas vinhas verificaram-se ataques de caracóis, para os quais foram utilizados iscos atrativos na base das cepas.

Nas pomóideas registaram-se focos de fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*), em especial em pomares que não foram limpos ao longo do inverno. Devido à chuva que se fez sentir em meses anteriores, nem sempre foi conseguida a oportunidade para aplicação dos devidos tratamentos fitossanitários. Não obstante, espera-se alguma eficácia dos tratamentos anteriormente realizados.

Península de Setúbal

Na vinha foram realizados diversos tratamentos fitossanitários devido à pressão de míldio, principalmente na casta Fernão Pires, havendo áreas com quantidade apreciável de cachos afetados. Relativamente aos cicadelídeos no final do mês verificou-se aumento das populações nalgumas áreas, mas ainda sem ataques significativos, prevendo-se que aumentem nos próximos tempos.

Nas pereiras o fogo bacteriano presente em determinadas áreas obrigou a limpezas nas parcelas afetadas, situação que exige continuidade. Esta redução de área e consequentemente de potencial produtivo terá resultados na produção obtida. Nalgumas macieiras também apareceu fogo bacteriano, situação que não se revela tão explosiva como no caso das pereiras. Nas pomóideas verificou-se o início de ataque de bichado e de afídeos, situações que foram controladas atempadamente.

Na cultura do milho, em terrenos semeados recentemente e antes da fase de germinação das plantas, verificaram-se áreas significativas danificadas pelos javalis. Esta situação é alarmante e muito preocupante devido à população crescente desta espécie e ao seu poder destrutivo, tanto nas culturas

como nos equipamentos. Nas searas de milho verificou-se a incidência de infestantes, tendo sido efetuada a aplicação de herbicidas.

Nas searas de arroz com a cultura recém emergida, verificavam-se também muitas infestantes.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, as pastagens (de sequeiro e em geral espontâneas) apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo e uma boa disponibilidade de matéria verde para as espécies pecuárias em pastoreio, normalmente pequenos ruminantes. Nas culturas forrageiras anuais, destinadas a silagem e fenossilagem para as espécies pecuárias estabuladas, as condições meteorológicas foram favoráveis à secagem dos solos, permitindo a circulação de máquinas agrícolas. Com estas condições, foi possível realizar cortes de forragem (onde se destaca o azevém) praticamente ao longo de todo o mês. Embora no início as operações tenham sido mais difíceis devido à elevada humidade do solo, no final do mês os cortes encontravam-se praticamente concluídos. Devido ao atraso, este ano foi realizado apenas um corte na maior parte das culturas forrageiras. No entanto, a quantidade obtida será quase idêntica ao ano anterior porque as plantas apresentavam-se muito vigorosas. A forragem apresentava uma qualidade inferior ao normal, por ter sido colhida numa fase mais tardia do ciclo da cultura, com plantas já espigadas, envelhecidas e bastante duras, o que levou uma maior quantidade de enfardamento em vez de fenossilagem ou silagem.

Devido ao corte tardio, a forragem apresentava muita fibra e um menor valor nutritivo, por ter diminuído o nível de proteína. Para compensação, será necessário ajustar a alimentação animal com formulação de rações com maior teor proteico, o que implicará um aumento de custos de produção. A quantidade alimentos conservados disponíveis este ano poderá até vir a ser excessiva, uma vez que, devido ao elevado teor de fibra haverá necessidade de reduzir a quantidade fornecida na alimentação animal. O menor valor nutricional da fenossilagem também poderá vir a ser compensado através de melhores silagens. No entanto, este equilíbrio na alimentação conservada, dependerá da disponibilidade de milho forrageiro de boa qualidade.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro começaram a secar em maio, encontrando-se as sementes dos trevos e das gramíneas praticamente já todas secas.

Os prados de regadio encontravam-se com um crescimento das plantas perenes mais lento do que o expectável, talvez pelo efeito inibidor do calor repentino. Os trevos encontravam-se na fase da floração e as gramíneas no geral encontravam-se na fase de formação de semente.

As consociações forrageiras anuais de sequeiro já foram todas colhidas para fenossilagem. No que respeita ao azevém, as plantas após o corte encontravam-se com um palmo de altura e a formar novas sementes pela falta de água, sob stress térmico e hídrico.

Os campos de luzerna encontravam-se cheios de infestantes, mais desenvolvidas do que o habitual pela precipitação intensa e frequente que ocorreu até ao princípio de maio. Perdeu-se a oportunidade de realizar o primeiro corte e avaliar a qualidade forrageira da cultura. Por esta razão, prevêem-se apenas quatro cortes ao invés dos cinco habituais. As infestantes foram controladas com a passagem de destróador optando-se por não fazer um corte.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo continuavam em pastoreio. O desmame dos bezerros vai iniciar-se no próximo mês, cujo regime alimentar consistirá em algumas semanas na disponibilização de pasto (pastoreio direto) e depois em confinamento, com regime alimentar “Unifeed” (disponibilização de forragem e algum alimento concentrado).

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as pastagens apresentavam muito vigor. As condições climatéricas e as boas reservas de água no solo foram favoráveis ao elevado desenvolvimento vegetativo. Durante o mês foram realizados cortes de forragens destinadas a enfardar (fenos) e para fenossilagem, no entanto, em zonas mais encharcadas ainda não foi possível proceder a cortes. Verificou-se uma grande disponibilidade de alimentação natural e conservada para consumo das espécies pecuárias em regime extensivo e estabuladas.

Na **Grande Lisboa**, os cortes para fenossilagem decorreram dentro da normalidade, à exceção da primeira semana do mês em que ocorreu precipitação.

Na **Península de Setúbal**, o desenvolvimento vegetativo muito vigoroso e abundante que se verificou ao longo dos meses nestas culturas antevê uma produção que se espera que este ano venha a ser melhor que a da campanha anterior.

Em muitas áreas de pastagem ainda foi possível o pastoreio direto do efetivo pecuário ao longo do mês sem recurso a suplementação, situação que não se verificou em igual período do ano anterior, em que os pastos se apresentavam muito secos.

Na região os cortes para feno e fenossilagem foram iniciados essencialmente a partir do final do mês.



Variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior e estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal

No **Oeste**, estima-se que a área de produção de trigo e de aveia seja semelhante ao ano anterior e que haja uma ligeira diminuição da área de produção de cevada, devido às condições climáticas verificadas na fase de instalação da cultura, que provocaram atraso nas sementeiras e levaram a que alguns produtores não semeassem a totalidade das áreas planeadas. As condições climáticas do mês promoveram um bom desenvolvimento vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal, embora as searas mais expostas ao excesso de água no solo, apresentassem um desenvolvimento inferior. As searas de trigo mais adiantadas estavam na fase de maturação do grão e com as plantas em processo de secagem, encontrando-se próximas do ponto de colheita. As searas mais atrasadas encontravam-se na fase de grão leitoso, prevendo-se a colheita para o final de junho, com uma produtividade superior ao ano anterior. A cevada apresentava um desenvolvimento vegetativo inferior ao normal devido às condições climáticas dos meses anteriores. As plantas apresentavam espigas formadas, mas ainda não tinham iniciado o processo de secagem, o que é normal para a época. Prevê-se uma menor produtividade e uma qualidade inferior uma vez que o grão não teve bom vingamento e o calibre é mais baixo.

No **Médio Tejo**, relativamente à variação de áreas semeadas em comparação com o ano anterior verificou-se uma redução, tendo presente a opção de alguns produtores da região não terem praticado nesta campanha cereais praganosos quer por motivos associados ao baixo preço pago à produção quer por baixas produtividades obtidas na campanha anterior (rentabilidade baixa da cultura).

As culturas de aveia e trigo mole encontravam-se na fase de maturação do grão (em diversos níveis), prevendo-se o início da colheita na segunda quinzena de

junho. Algumas searas mais precoces encontravam-se já secas, preparadas para colher no início de junho.

É estimada uma menor produtividade das culturas cerealíferas de outono-inverno comparativamente ao ano anterior, face às condições climáticas ocorridas nos últimos meses, com os inerentes problemas fitossanitários (fungos) que afetaram o potencial produtivo dos cereais, acrescendo as temperaturas altas ocorridas em maio que vieram acelerar a secagem do grão, penalizando um pouco o seu enchimento (os grãos encontravam-se frouxos).

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, é estimada uma redução das áreas semeadas relativamente ao ano anterior. As searas apresentavam um bom estado vegetativo. No entanto, devido à excessiva precipitação ocorrida na fase de desenvolvimento dos grãos, prevê-se uma descida de produção e de qualidade, principalmente no trigo mole, com grãos leves e de calibre baixo.

Na **Grande Lisboa** a colheita das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal prevê-se para final de junho. O trigo estava em fase final de amadurecimento, apesar de algumas searas terem sido prejudicadas por asfixia radicular resultante da chuva intensa que se fez sentir nos meses precedentes. Quanto à cevada, e de um modo geral, esta foi colhida na sua quase totalidade para forragem. O balanço destas culturas é positivo, apesar da diminuição da área semeada.

Na **Península de Setúbal** as culturas de tritcale e cevada encontravam-se no final do mês sem problemas fitossanitários, com bom desenvolvimento vegetativo e em geral com o grão na fase de leitoso ou pastoso, prevendo-se que a colheita seja efetuada em final de junho ou início de julho, dependendo das condições climáticas.

O trigo mole, semeado mais tardiamente, apresentava também um bom desenvolvimento vegetativo e na fase de fim de afilhamento/encanamento, estando a colheita

prevista no final de agosto, mas dependendo do desenvolvimento da cultura nas próximas semanas.



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto

Vinha

No Oeste, as vinhas para vinho apresentavam um grande desenvolvimento vegetativo em resultado do aumento das temperaturas e das elevadas reservas hídricas ainda disponíveis no solo. Em termos fenológicos observou-se um atraso médio de cerca de quinze dias na floração devido às condições atmosféricas ocorridas no início do ciclo vegetativo, com precipitações elevadas e temperaturas baixas. No final do mês a maior parte das castas encontravam-se no estado fenológico I – Floração. As mais adiantadas, que na região são a Fernão Pires e a Seara Nova, nas castas brancas, e o Caladoc, nas tintas, encontravam-se no estado J – Alimpa, já em bago de chumbo. Atendendo ao nível de inflorescências, ligeiramente inferiores ao ano passado, perspetiva-se uma descida da produção, que se poderá acentuar devido à forte pressão de míldio. As vinhas para uva de mesa também apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo devido às condições climáticas e reservas de água no solo. As castas mais adiantadas também se encontravam no estado fenológico J – Alimpa. Relativamente ao ano passado, estima-se uma descida de produção em algumas castas, como a Crimson seedless, devido à perda de cachos em consequência da elevada incidência de míldio.

No Médio Tejo, as vinhas para vinho encontravam-se num estado vegetativo ligeiramente atrasado e heterogéneo. Notou-se em relação ao ano passado um atraso da floração em duas semanas. Ao longo de maio no geral as castas iniciaram a floração e no final do mês encontravam-se maioritariamente na fase fenológica J – Alimpa.

No entanto, nas mesmas vinhas verificavam-se vários estádios de desenvolvimento desde a alimpa ao bago de chumbo e ao bago de ervilha. No decurso de maio ainda não se procedeu a rega na cultura por existir muita disponibilidade de água no solo, com encharcamento a 60cm de profundidade. As vinhas para uva de mesa encontravam-se no geral no estado fenológico J – Alimpa. Em consequência dos problemas fitossanitários ocorridos na cultura (em especial o míldio) é estimada uma menor produtividade face ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as vinhas para vinho apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo, encontrando-se maioritariamente no estado fenológico J – Alimpa, com os bagos de pequenas dimensões (grão de chumbo). As vinhas para uva de mesa também apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo devido às condições climáticas e reservas de água no solo. As castas mais adiantadas também se encontravam no estado fenológico J – Alimpa. Relativamente ao ano passado, estima-se uma descida de produção, que será mais acentuada em algumas castas, como a Crimson seedless devido à perda de cachos resultante da elevada incidência de míldio.

Na Grande Lisboa a maioria das castas encontravam-se em bago de chumbo, entre os estados fenológicos J – Alimpa e K – Bago de Ervilha. Verificaram-se ataques de míldio nos cachos, com provável perda de produção. Na vinha para uva de mesa, o aspeto geral das videiras era razoável, prevendo-se uma boa produção em termos qualitativos e quantitativos, embora ainda não contabilizáveis por ser prematuro fazê-lo. O estado fenológico enquadrava-se de um modo geral em J – Alimpa. Foram registados ataque de míldio, devido às temperaturas elevadas associadas à humidade que se fez sentir em meses anteriores.

Na Península de Setúbal o aumento das temperaturas acelerou o processo de evolução das vinhas, encontrando-se no final do mês com bom desenvolvimento vegetativo.

Relativamente ao estado fenológico, no geral as castas mais adiantadas, nomeadamente a Fernão Pires, encontravam-se no estado K - Bago de Ervilha e as mais atrasadas, como o Moscatel, em Bago de Chumbo (entre J - Alimpa e K - Bago de Ervilha). A casta Castelão encontrava-se numa fase intermédia. Nalgumas regiões algumas castas estavam ainda em floração ou na fase final de floração/vingamento com cachos visíveis pequenos. Na região e no geral existia uma boa amostra de cachos. Na casta Castelão há vinhas muito carregadas e outras nem tanto, pelo que é difícil ter perceção. Apesar de ainda ser cedo, as perspetivas são boas, de produção superior à da campanha anterior.

Pomóideas

No Oeste, os pomares apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo devido às reservas de água no solo, embora os níveis de humidade tenham baixado rapidamente com a subida das temperaturas máximas e com o registo de algum vento ao longo do mês. As noites frias tiveram algum impacto negativo no vingamento dos frutos, nos pomares de pereiras e de macieiras, podendo-se considerar que na generalidade as taxas de vingamento foram médias e em alguns casos baixas. No final do mês os pomares de pereiras (Rocha) e de macieiras (Gala, Golden, Fuji e Reineta) encontravam-se no estado fenológico J - Frutos em Desenvolvimento, com exceção das macieiras da variedade Regal You, que se encontravam no estado G - Queda das Pétalas. Devido à alta incidência e à severidade das infeções provocadas pelo fogo bacteriano, que afetaram significativamente as flores e os corimbos, é ainda muito incerta uma estimativa de taxas de vingamento e de produção a nível da pera Rocha, por não se saber ainda qual o impacto efetivo que a doença poderá ter ao nível da produção, não se descartando que a situação possa resultar numa produção inferior à do ano anterior.

Nos pomares de macieiras, embora a incidência do fogo bacteriano seja mais intensa do que nos anos anteriores, mas com menor intensidade do que nos pomares de pereiras, prevê-se uma produção

semelhante ao ano anterior para a variedade Gala, e uma produção inferior para as variedades Golden e Fuji. No caso da Fuji a quebra de produção decorrerá da situação de alternância de produção (safra e contrassafra), característica genética da variedade.

Na Grande Lisboa, na generalidade as pereiras apresentavam-se com vingamento médios a baixos, com bom estado vegetativo. Denotou-se uma forte incidência de fogo bacteriano. Verificou-se ainda o início dos voos do bichado e elevadas populações de afídeos verdes.

Na Península de Setúbal, no final do mês as pereiras e as macieiras encontravam-se com os frutos em crescimento, tendo sido efetuada monda de frutos. No final do mês o crescimento nas macieiras estava atrasado relativamente ao expectável.

Prunoideas

No Oeste, os pomares de ameixeiras situavam-se no estado fenológico J - Frutos em Crescimento, e as variedades mais precoces encontravam-se em colheita. O nível de vigamentos e o número de frutos por árvore foi semelhante ao ano passado, mas estima-se uma produção ligeiramente inferior devido à queda de granizo no mês anterior, que afetou a produção de alguns pomares nos concelhos de Torres Vedras, Cadaval, Bombarral e Caldas da Rainha, verificando-se que muitos frutos ficaram sem qualidade comercializável.

Na Península de Setúbal, as condições climatéricas ocorridas prejudicaram muito a fase de floração das ameixeiras, prevendo-se uma produção muito baixa.

Cítrinos

No Médio Tejo os pomares de limão encontravam-se em bom estado e no final da floração. Já era visível o vingamento de alguns frutos.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, nos pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall) o estado vegetativo das árvores deteriorou-se a partir de meados de maio, apresentando um acentuado amarelecimento das folhas pelo excesso de chuva no inverno e primavera, que provocou o arrastamento de microelementos. Por esta razão, estão previstas adubações através da rega ao invés das adubações foliares, por estas não serem aconselháveis com temperaturas elevadas. A floração e o vingamento dos frutos variou de médio a bom, apesar da chuva de fins de abril a início de maio, que veio dificultar a polinização. Com a melhoria das condições meteorológicas a partir da primeira semana de maio, o vingamento foi razoável.

Na Grande Lisboa, o desenvolvimento dos limoeiros foi favorecido pelas condições climáticas, encontrando-se no estado fenológico J - Crescimento de Frutos.

Na Península de Setúbal no final do mês os limoeiros encontravam-se com pequenos frutos vingados.

Pessegueiros

No Médio Tejo os pomares de pessegueiros encontravam-se com os frutos maduros e em início de colheita. É estimada uma redução significativa de produtividade face ao ano anterior pelos problemas fitossanitários, em especial a doença da lepra, que muito afetou a cultura.

Figueiral

No Médio Tejo, as variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine encontravam-se no final do mês com os figos lampos a finalizar o crescimento. As noites ainda frescas de maio, contribuíram para o atraso do crescimento do fruto, estimando-se na variedade Lampa Preta um atraso de cerca de dez a quinze dias. Pelo mesmo efeito continuou a verificar-se a queda de frutos pelo que nesta fase é estimada uma redução da produção de figos lampos. Em relação à variedade Pingo de Mel, os figos estão na fase de crescimento e as figueiras estão com um bom desenvolvimento vegetativo, fator muito importante nesta variedade, porque o número de figos depende do

aumento do crescimento vegetativo uma vez que os figos se situam na axila das folhas.

Na Grande Lisboa, a atividade vegetativa das cultivares decorreu dentro da normalidade, com figos visíveis em desenvolvimento.

Amendoal

No Médio Tejo, as amendoeiras encontravam-se com os frutos a finalizar o seu crescimento.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de amendoal apresentavam um bom estado vegetativo e encontravam-se com os frutos em crescimento. Nesta campanha, estima-se uma queda de produção devido às chuvas constantes e vento, sobretudo na fase da floração, que provocaram a queda de flor prematuramente, originando pouca frutificação.

Na Península de Setúbal os frutos estavam em crescimento, com bom calibre e preenchimento do miolo. Prevê-se que a quantidade não seja elevada devido à precipitação e ao vento ocorridos durante a floração, que levou à queda excessiva de flor e, consequentemente, a uma quebra de produção. No entanto, na presente campanha prevê-se uma produção superior à do ano anterior, igualmente afetada pelas condições climáticas.

Nogueiral

No Médio Tejo, as noqueiras que se encontravam atrasadas comparativamente ao ano anterior, a partir de meados do mês verificou-se um aceleração do seu desenvolvimento vegetativo em resposta à subida das temperaturas mínimas, sendo este um dos fatores determinantes no desenvolvimento da cultura, encontrando-se no final do mês em floração (90%). Verificou-se ao longo do mês uma grande heterogeneidade de brotos/gomos florais.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as nozeiras aceleraram o seu desenvolvimento vegetativo a partir de meados de maio, face à subida das temperaturas mínimas. No final do mês a cultura encontrava-se em floração (90%). Ao longo do mês verificou-se uma grande heterogeneidade de brotos/gomos florais.

Olival

No Alto Oeste o olival tradicional beneficiou da elevada disponibilidade hídrica existente no solo, situação que resultou numa maior disponibilidade de absorção direta de nutrientes. Nestas condições, o desenvolvimento do ciclo vegetativo da cultura decorreu sem grandes limitações e permitiu a ocorrência de um elevado número de inflorescências e abundante floração, favorecida também pelas temperaturas amenas e registo diário de vento noroeste. No entanto, estranhamente as variedades precoces (Lentrisca e Zambujeiro) encontravam-se uma semana mais atrasadas em relação a variedades temporãs padrão da região (Galega e Arbequina). A renovação anual da vegetação das oliveiras, visível pela queda das folhas velhas e desenvolvimento de novas, só ocorreu em maio e precedeu a semana da floração, o que normalmente não acontece, pois em anos normais decorre nas últimas semanas de abril, semanas antes da plena floração, situação que poderá vir a causar algum impacto nas quedas fisiológicas dos frutos, por competição de reservas da planta, que ainda não é possível avaliar.

No Médio Tejo, nos olivais tradicionais verificavam-se as variedades mais precoces (Lentrisca e Zambujeiro) em bom estado vegetativo, mas uma semana mais atrasadas em relação às variedades temporãs padrão da região (Galega e Arbequina). A renovação anual da vegetação das oliveiras, visível pela queda das folhas velhas e desenvolvimento de novas, só ocorreu este mês e precedeu a semana de floração, o que normalmente não acontece, pois em anos normais decorre nas últimas semanas de abril, semanas antes da plena floração. No próximo mês será possível ver se teve impacto direto nas quedas fisiológicas dos frutos, por competição de reservas da planta. Os olivais intensivos encontravam-se em bom

estado vegetativo, em plena floração, com a queda das pétalas. No geral, verificava-se uma boa floração, estimando-se em termos quantitativos uma boa produção.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os olivais apresentavam um bom estado vegetativo, encontrando-se a maioria das variedades em plena floração. Estima-se uma boa campanha em termos de quantidade de azeitona tendo em conta a floração e os frutos já vingados.



Sementeira de Primavera nomeadamente quanto às culturas de Batata de regadio; Milho, Arroz, Grão-de-Bico, Feijão, Tomate (p/industria) e Girassol: como decorreram; como germinaram: variação das áreas semeadas ou plantadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado

Batata de Regadio

No Oeste as sementeiras encontravam-se muito atrasadas por causa do excesso de humidade no solo e da dificuldade de circulação de máquinas nos terrenos, situação que se manteve no início do mês. Com a paragem da precipitação, na segunda quinzena intensificaram-se as sementeiras, as quais não estavam ainda concluídas no final do mês. Inicialmente previa-se um aumento de área face ao ano anterior. Mas as condicionantes meteorológicas impossibilitaram o habitual estabelecimento da cultura na parte inicial do ano e arrastaram muitas sementeiras para fora do período normal. Pelo que não será semeada a totalidade da área prevista, estimando-se que a área de produção seja idêntica à do ano anterior ou ligeiramente menor. Nas searas mais precoces, cujas colheitas serão iniciadas em junho, houve problemas na germinação devido ao excesso de água no solo, que causou muitos problemas de podridão.

A humidade e a subida das temperaturas provocaram o surgimento de mildio, que embora de incidência variável, foi um problema grave na região, provocando nas situações mais severas, a irreversibilidade da recuperação da cultura devido à acentuada perda de área foliar, associado ao fraco desenvolvimento radicular. Perante os diversos problemas ocorridos ao longo do ciclo da cultura, embora se verifique uma diversidade de situações, com searas em melhor estado vegetativo do que outras, no geral espera-se uma menor produtividade comparativamente ao ano anterior.

No Médio Tejo as sementeiras, muito atrasadas nesta campanha devido ao excesso de água no solo, foram retomadas na segunda metade do mês e intensificaram-se a partir daí. Prevê-se que a produtividade e a qualidade sejam baixas devido aos problemas fitossanitários que ocorreram na campanha. A previsão é de redução de áreas semeadas na região relativamente ao ano anterior, contudo ainda não foi possível estimar a variação das mesmas.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as sementeiras encontravam-se atrasadas devido ao excesso de água no solo. Na segunda semana do mês, intensificaram-se com a paragem da chuva. As mais precoces tiveram problemas na germinação devido à podridão causada pelo excesso de água no solo. Prevê-se que a produtividade e a qualidade sejam baixas devido aos problemas fitossanitários que ocorreram na campanha.

Milho

No Oeste, a cultura do milho de sequeiro para grão estava muito atrasada devido às condições climáticas e de excesso de água no solo verificadas nos meses anteriores. As sementeiras foram realizadas ao longo do mês, mas principalmente na segunda quinzena devido à precipitação ocorrida na primeira semana, prolongando a dificuldade de circulação de máquinas agrícolas. Correram bem e sem interrupções, encontrando-se concluídas. O solo dispunha ainda de muita humidade, o que favoreceu a germinação. As primeiras searas instaladas apresentavam uma boa emergência e plantas

com cerca de 15cm de altura. Nas searas mais tardias o milho ainda não tinha emergido. As sementeiras de milho forrageiro encontravam-se mais atrasadas, com algumas ainda por realizar, planeadas apenas para o início de junho. No milho de sequeiro para grão e no milho para forragem estima-se que a área de produção seja semelhante ao ano anterior. No milho de regadio para grão estima-se que possa haver alguma redução de área relativamente ao ano anterior, principalmente, por alguns produtores optarem por culturas alternativas, potencialmente mais rentáveis em termos económicos.

No Médio Tejo as sementeiras de milho encontravam-se praticamente concluídas, estimando-se no final do mês estarem semeadas 90% das áreas previstas. As primeiras sementeiras instaladas no final de abril, encontravam-se numa fase vegetativa de 8 folhas, enquanto as mais tardias encontravam-se em emergência. É estimada uma manutenção das áreas semeadas relativamente ao ano anterior. Verifica-se na região um aumento de javalis, que têm provocado estragos na cultura logo após as sementeiras.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, ainda estavam a decorrer as sementeiras, que se irão prolongar pelo mês de junho, dado o atraso provocado pela precipitação. Prevê-se que haja um aumento da área de milho, uma vez que a descida da área de tomate contratada com a indústria deixou mais área disponível.

Na Grande Lisboa a sementeira encontrava-se muito atrasada, prevendo-se uma diminuição da área prevista por ser muito tarde, pese embora estejam a ser utilizadas variedades de ciclos mais curtos, que são menos produtivas.

Na Península de Setúbal as sementeiras iniciaram-se nos primeiros dias deste mês, tendo sido semeada mais de 50% da área total até ao final do mês, prevendo-se que decorram até meados de junho. Na região a área semeada é idêntica ou um pouco superior à da campanha anterior. No final do mês as primeiras sementeiras apresentavam-se com bom desenvolvimento vegetativo, as plantas com 5 a 6 folhas,

sendo que nesta altura já deveriam estar na fase “joelheiro” ou mais avançada. Muitas searas tinham plantas apenas com apenas 2 a 3 folhas e nas mais tardias as plantas ainda não tinham germinado.

Arroz

No Oeste, a instalação da cultura encontrava-se muito atrasada devido às condições meteorológicas verificadas nos meses anteriores, que não permitiram a circulação de máquinas no terreno. No final do mês ainda não tinha sido iniciada a instalação da cultura. Apesar do atraso, estima-se que a área seja semelhante à do ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as sementeiras atrasaram devido à precipitação de abril a início de maio sem possibilidade de entrada nos terrenos para efetuar a preparação dos canteiros. Foram iniciadas a meio do mês e irão prolongar-se em junho. Apesar do atraso estima-se uma área idêntica ao ano anterior.

Na Grande Lisboa deu-se o início das sementeiras, que ainda não estavam concluídas, perspetivando-se a sua conclusão no fim de junho.

Na Península de Setúbal as sementeiras, iniciaram-se no início/meados do mês, tendo sido semeada cerca de 50% da área total até ao final do mês, prevendo-se que ocorram até meados de junho. Na região a área semeada é idêntica à da campanha anterior. No final do mês a cultura já tinha emergido.

Grão-de-Bico

No Oeste a cultura de grão-de-bico foi condicionada pelas condições meteorológicas verificadas nos meses anteriores. A instalação da cultura decorreu com atraso e com interrupções devido à precipitação no final de abril e início de maio. A área instalada foi menor do que no ano anterior devido à falta de tempo dos produtores para retomarem as sementeiras interrompidas, pois nesse período os esforços foram concentrados na instalação de outras culturas de primavera consideradas de maior importância e às quais deram

prioridade por estarem também com atraso na instalação, designadamente o milho e o tomate para indústria. Nas sementeiras realizadas, verificou-se uma boa germinação e as searas apresentavam uma boa emergência de plantas, que ainda se encontravam em desenvolvimento vegetativo.

No Médio Tejo as sementeiras (muito atrasadas) encontravam-se a decorrer, sendo que parte das áreas ainda não tinham sido iniciadas, prevendo-se a instalação da cultura apenas na segunda semana de junho. Ainda não foi possível obter informação sobre a estimativa de áreas semeadas relativamente ao ano anterior, embora se preveja que seja inferior face à dificuldade dos produtores na instalação da cultura.

Feijão

No Oeste a instalação da cultura de feijão para seco decorreu com atraso devido às condições meteorológicas verificadas nos meses anteriores. No final do mês as sementeiras encontravam-se concluídas. A germinação e emergência foram boas, tendo beneficiado do bom nível de humidade do solo ainda existente. Apesar do atraso na instalação da colheita, estima-se que ocupe uma área semelhante ao ano anterior.

No Médio Tejo, as sementeiras de feijão (muito atrasadas) estavam praticamente terminadas em meados do mês. Nas sementeiras mais adiantadas, a cultura encontrava-se na fase de emergência, denotando-se algum amarelecimento das plantas. É estimada nesta fase uma manutenção das áreas semeadas na região relativamente ao ano anterior.

Tomate para indústria

No Oeste, a instalação da cultura realizou-se com um atraso significativo. No início do mês ainda havia dificuldade de circulação de máquinas nos terrenos devido ao excesso de humidade no solo e à precipitação ocorrida nos primeiros dias. A partir da segunda semana, o ritmo das plantações intensificou-se e não houve interrupções.

No final do mês era muito intensa a atividade no campo com a instalação da cultura, o que permitiu plantar cerca de 60% da área planeada. Prevê-se que as plantações fiquem concluídas apenas na segunda semana de junho, com um atraso de duas semanas face a um ano normal. As condições meteorológicas dos meses anteriores, que condicionaram fortemente a instalação da cultura, provocaram uma concentração muito elevada das plantações num curto período. A ausência de escalonamento na fase de instalação da cultura, favorece um cenário de forte risco de perda de produção na fase de colheita, pela disponibilidade de produto em superior à capacidade instalada de laboração de concentrado de tomate, prevendo-se que as entregas de produção na indústria venham a ser um processo difícil de gerir. Estima-se uma redução de área comparativamente ao ano anterior, imposta pela indústria no processo de contratualização com a produção, devido ao volume de concentrado tomate ainda armazenado da campanha anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, ainda estavam a decorrer as plantações, que se irão prolongar até ao início de junho, dado o atraso com o início da instalação causado pelo encharcamento dos solos. Por imposição contratual da indústria ao nível de redução de áreas e de descida de preços, prevê-se a diminuição da área da cultura. A concentração das datas de plantação preocupa os produtores. Estes receiam que a falta de escalonamento na plantação e a sobreposição das colheitas não tenha resposta na capacidade de transformação instalada.

Na Grande Lisboa apenas se conseguiu plantar cerca de 80% da área total, devido ao encharcamento ainda muito patente dos solos. Na presente campanha perspectiva-se uma diminuição de área plantada, pois há cortes nas quotas estipuladas pela indústria devido à forte oferta por parte de outros países, sobretudo da China. Este facto, associado ao preço mais baixo a pagar pela indústria aos agricultores e, ainda, ao aumento dos custos de produção, delineia um cenário

economicamente muito frágil para a fileira. Prevê-se o final da plantação até 10 de junho.

Na Península de Setúbal as plantações iniciaram-se no final de abril/início de maio, faltando plantar no final do mês cerca de 10% da área total, prevendo-se que decorram até início de junho. A área plantada será inferior relativamente à campanha anterior, devido a condições contratuais com a indústria. As plantas desenvolveram bem, apresentando-se no final do mês com crescimento normal e bom desenvolvimento vegetativo.

Girassol

No Oeste a instalação da cultura encontrava-se atrasada. No final do mês estavam a decorrer as sementeiras, encontrando-se instalada apenas cerca de 50% da área planeada. Apesar do atraso verificado estima-se um aumento de área comparativamente ao ano anterior, devido à opção pela realização da cultura em substituição do milho de regadio.

No Médio Tejo as sementeiras de um modo geral não foram ainda realizadas estimando-se uma redução de áreas relativamente ao ano anterior, motivada essencialmente pelo atraso da colheita das culturas antecedentes.

Na Grande Lisboa estima-se que se possa cultivar uma área semelhante à do ano anterior até final do mês de junho.



Estado vegetativo da cultura de Batata de sequeiro

No **Oeste** verificava-se uma diversidade de situações, com searas a apresentarem um melhor estado vegetativo do que outras. No entanto a cultura teve uma forte pressão de mildio e de podridões que afetaram o estado vegetativo.

A manutenção de elevada pressão de mildio provocou em algumas searas uma irreversibilidade na sua recuperação devido à acentuada perda de área foliar, associado ao fraco desenvolvimento radicular causado pelo excesso de humidade no solo. Estimam-se quebras acentuadas de produção que ainda não são quantificáveis, no entanto as primeiras colheitas apresentam produtividades significativamente menores do que no ano anterior. Prevê-se igualmente uma menor qualidade, devido às condições meteorológicas ocorridas nos meses anteriores e aos problemas fitossanitários.

9 de junho de 2025

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Gago Coutinho	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	33,3	22,7	34,2	34,6	35,2	37,8	38,3	39,9	37,5	39,9
Dia	29	29	29	30	29	29	29	29	29	29
Valor médio da temperatura máxima (°C)	22,7	19,2	22,6	24	24,7	a)	25,7	27,3	25,8	27,1
Temperatura máxima normal para a época (°C)	22,1	—	22,0	22,8	24,2	24,8	24,6	25,7	—	26
Temperatura mínima (°C)	6,6	7,7	7,1	11,3	7,2	a)	8,5	5,7	4,9	5,2
Dia	1	11	12	6 e 10	1 e 7	a)	1	11	14	11
Valor médio da temperatura mínima (°C)	11,0	11,8	11,6	14	11,4	a)	12	9,9	10,6	9,4
Temperatura mínima normal para a época (°C)	10,4	—	11,4	14,1	11,8	11,5	12,4	10,8	—	9,9
Temperatura média normal para a época (°C)	16,3	—	16,7	18,4	18,0	18,2	18,5	18,2	—	17,9
Horas de frio	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rajada máxima de vento (Km/h)	44,3	52,6	56,9	53,6	50,0	a)	63,7	55,1	43,6	46,4
Dia	22	3	22	22	22	a)	3	2	25	3
Número de dias com precipitação	9	—	10	5	5	a)	8	5	10	7
Precipitação acumulada no mês (mm)	53,2	—	39,9	18,8	28,4	a)	24,6	25,8	39,3	27,4
Precipitação normal para a época (mm)	61,8	—	48,0	50,7	53,8	47,0	44,8	47,8	—	53,6
Precipitação diária máxima no mês (mm)	16,9	—	17,5	7,7	11,4	a)	15,8	12,0	19,7	9,4
Dia	4	—	3	3	3	a)	3	4	3	2
Humidade relativa média diária mínima (%)	70	67	72	47	54	a)	59	51 ^{b)}	60	57
Humidade relativa média diária máxima (%)	86	90	94	86	87	a)	93	95 ^{b)}	91	90
Humidade relativa média (%) do mês	76	81	81	66	71	a)	72	72 ^{b)}	75	73

Notas:

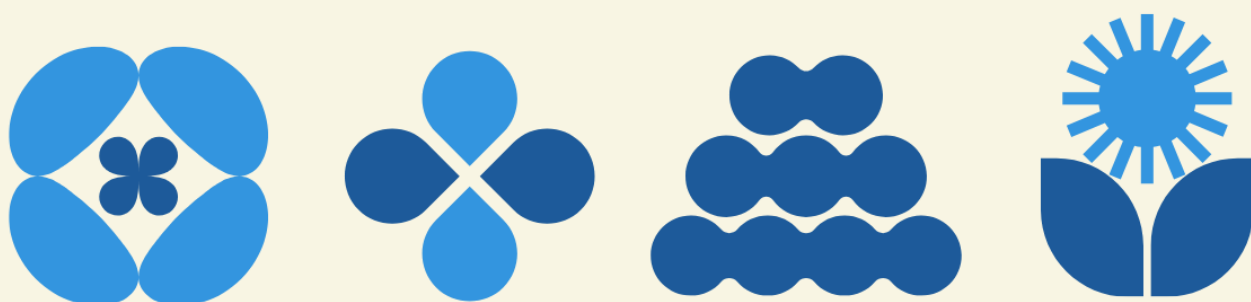
Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 das respetivas estações.

a) Falha de dados nos dias 1 a 8.

b) Dados recolhidos na estação meteorológica de Coruche/Cruz do Leão devido a falha de dados ao longo do mês na estação meteorológica de Coruche.

— Sem dados

Número de horas de frio: sem dados este mês, considerando que a recolha é efetuada no período entre 01 de outubro e 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental).



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT